



GALILEO.

O INSIGNE Galileo Galilei, geralmente conhecido pelo primeiro nome, que foi o de seu baptismo, nasceu em Pisa, na Italia, em 1564: teve por pai um homem de muita instrução, Vicente Galilei, que se distinguiu pelo Dialogo sobre a Musica, arte de que foi estremado cultor.—Galileo, como Newton (+), frequentando ainda as primeiras letras manifestou grande inclinação para artefactos e maquinismos, no que, em vez de outros brinquedos empregava as suas horas de sueto. Seu pai, apesar da escacez de recursos, o mandou educar no estudo de Humanidades e das Bellas-Artes, e na idade de dezete annos metteu-o na celebre universidade de sua patria, a cursar Medicina, para lhe dar uma decente e lucrativa profissão: todavia a natural propensão do alumno frustrava os bem combinados designios do progenitor; e tanto que assim que o mancebo lançou os olhos á Geometria d'Euclides agradou-se por tal fórma do modo de discorrer peculiar daquelle sciencia, que seguiu ardentemente o novo estudo: era impossivel sopear esta tendencia d'espírito, e por isso lhe permittiram seguir as mathematicas e a philosophia natural. Bem cedo o discipulo discordou do systema de philosophar de largo tempo estabelecido e cegamente adoptado.—Desde Aristoteles até Galileo e lord Bacon, suppoz-se que as leis geraes da natureza podiam ser descobertas pelas forças do raciocinio somente; e que sendo os phenomenos que presenciámos no mundo effeitos daquellas leis, era proprio estudá-las primeiro e depois os effeitos que dellas dimanam. Porem nos seculos 16.º e 17.º começaram os homens a admittir que o engenho humano era incapaz de senhorear-se daquelles maximos objectos, em quanto se não accumulasse copioso numero de factos; e que por conseguinte

as experiencias e observações são os passos proprios para alcançar conhecimentos exactos.—Galileo foi, desde muito moço, pensador independente, e o progresso subsequente da sciencia mostrou que o methodo por elle adoptado, a saher, um longo curso de investigação experimental, é necessario para assentar e affirmar uma lei da natureza. Praticou experimentos numerosos—refutou muitos dogmas acreditados desde Aristoteles—communicou suas opiniões a seus discipulos por modo em verdade energico, mas demasiado violento, o que alem da novidade da doutrina lhe gerou muitas inimizadas.

Um dos primeiros serviços por Galileo feitos á sciencia foi respectivo ao pendulo, postoque mais tarde Huyghens determinasse o movimento oscillatorio.—Outro objecto importante, e que escandalizou muito os escolasticos, foi a determinação da lei da queda dos corpos. Até o seu tempo sustentava-se que um corpo pesado cahia por sua propria natureza mais rapidamente do que outro leve, estando a differença na razão de seus pesos respectivos. Galileo contestou que se não fossem impedimentos, como a fricção e a resistencia atmospherica, todos os graves cahiriam com igual velocidade; e para attestar a sua opinião subiu ao tope da notavel torre de Pisa, e largou differentes substancias de pesos diversos que todas chegaram ad chão ao mesmo tempo; mas os seus oppositores não se deram por vencidos (**): comtudo as experiencias modernas confirmaram a opinião de Galileo.

Em 1591 duas circumstancias concorreram para mudar a situação social de Galileo: a primeira, a morte de seu pai pela qual ficou encarregado da sustentação de muitos irmãos; a segunda, o offere-

(**) V. est. da torre de Pisa a pag. 57 do vol. 2.º da 1.ª Serie.

(*) Vid. a pag. 316 do vol. antecedente.

cimento de uma cadeira de mathematica em Padua, que logo accitou. Applicou-se com todo o fervor ao seu estudo predilecto, e publicou alguns tratados scientificos. Por este periodo começava a ter voga entre os intelligentes o systema copernicano de astronomia. — Agora sabemos e todos os philosophos creem que o sol é o centro em torno do qual giram todos os planetas, mas que as estrellas são fixas. — O systema dos antigos era muito mais complicado, e fundado na illusoria prova dos sentidos: suppunha-se ser a terra o centro do universo, á roda do qual o sol, a lua, os planetas e estrellas se volviavam uma vez em cada vinte e quatro horas; e imaginavam que cada um destes corpos celestes estava fixo n'uma certa esphera transparente, que rodava independente das outras espheras. — Estava enraizada por seculos esta doutrina, e os theologos a patrocinavam suppondo-a coherente com o litteral texto das Escripturas; provou-se depois o contrario e os theologos não assentaram que o systema moderno fosse irreligioso; mas no tempo de Galileo não era assim, e odios particulares ou invejas combatiam os esforços do sabio pisano reforçados com a crença diuturna. Todavia a fama deste propugnador da moderna physica crescia com as suas lições em Padua, aonde concorria numeroso e escolhido auditorio, e o protegiam príncipes tão poderosos e illustrados, como Gustavo Adolpho de Suecia, o archiduque Fernando d'Austria, o landgrave d'Hesse, o duque de Mantua, e outros muitos. Acabado o termo de seis annos a que se obrigára para com as auctoridades paduanas, ficou reconduzido no magisterio por outros seis e com accrescimento de ordenado.

Em 1604 encaminhara-se a attenção dos astrónomos á observação de uma estrella nova que apparecia no firmamento; e Galileo distinguuiu-se pela sagacidade e vigor d'intelligencia, com que argumentou que o novo phenomeno não era de origem meteorica ou atmospherica, mas que semelhante ás estrellas fixas estava situado fóra dos limites do nosso systema planetario. A novidade da materia chamou nuvens de ouvintes ás suas lições; e elle teve a força de lhes exprobrar que se interessassem tanto e por curiosos na appareição temporaria de um phenomeno, ao passo que não faziam caso das maravilhas da criação que diariamente tinham presentes.

Em todos os ramos das sciencias physicas este homem assombroso fez extraordinarios progressos. Assim como dera impulso á theoria do thermometro, foi o primeiro que examinou as propriedades da magnetite pelos annos de 1607 e seguintes, com experiencias taes que abriram larga senda aos futuros observadores, por quem é muito louvado.

(Concluir-se-ha).

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA, FERNÃO GONÇALVES.

912 — 970.

5.º

A preparação.

«E a face dos infieis é negra como o pez; e os olhos reluzem-lhes como archotes; e seus cavallos são ligeiros como o leopardo, e mais cruéis que o leão ou o lobo á noite no meio do rebanho: e a vil raça dos africanos, que se não préza por força e por bondade, mas por astucia e ardil, destruiu em

«uma hora toda a nobreza dos godos, mais illustres que lingua de homens poderia contá-lo. Hespanha miseravel que te avisinhas da morte, e que nem tens quem te chore! A tua voz é como a de um seculo que já passou, e parece sabir debaixo da terra para dizer com esforço: «Vós que ides por esse caminho, dizei se ha uma dor que iguale á minha dor!» Ai! os que eram livres são escravos; os que se alimentavam das iguarias mais mimosas não tem para matar a fome nem o mais vil alimento; e os que trajavam sedas nem para cobrir-se tem o mesmo estofo grosseiro onde outra punham os pés. E os meninos de mama são esmagados contra os muros. E as mulheres pou-pam-nas, mas é para profanar-lhes a belleza. E o que era forte e corajoso pereceu pela espada; e o que era ligeiro de pés, as frechas correram mais ligeiras que elle.... Oh! quem me dera lagrimas para banhar o meu rosto, e de meus olhos fazer nascentes que não se esgotassem!... Tudo pereceu!.... tudo! — a santidade dos bispos, a sciencia do clero, a religião dos monges: profanaram-se os santuarios: destruíram-se as igrejas: mancharam-se os vasos sagrados; esqueceram-se, acabaram-se as festas, e solemnidades do culto: e os templos e as torres onde resoavam os louvores de Deus, ouvem as preces blasfemas do infiel, e os louvores do falso propheta!»

Estas palavras estava lendo de uma chronica contemporanea da invasão arabe a um troço de soldados, que o escutavam com grande attenção, o padre Valentim, capellão do conde (*) que tinha vindo de Burgos juntamente com a hoste, e agora se achava com ella nos campos de Osma. E aquelle ajuntamento patenteava nos semblantes, nos gestos, nos ademanes, e em breves exclamações nascidas do intimo da alma, a profunda sensação que lhes causava aquella leitura. Qual lhe cahiam as lagrimas em fio. Qual battia violentamente no chão com o conto da lança ou o cabo da chuça. Um levava a mão á espada. O outro apertava com ardor convulsivo e geito de resolução energica o braço do seu visinho. E alguem havia que de vez em quando se não podia suster que não execrasse ou soltasse estas ou outras imprecações: «Picaros! Voto a Dios!» Mas um «sio, sio» do resto da assemblea impunha logo silencio ao interruptor. Emfim todas aquellas fisionomias eram espelho vivissimo das paixões que lá dentro se agitavam.

Somente entre todas ellas se notava uma, cuja linha não estava prolongada para o foco commum de attracção para onde pendiam as outras. Parecia que estranhos pensamentos preocupavam aquella figura singular; e que se de ora em quando se voltava para aquelle espectáculo, não era que a impressionasse o drama que alli se estava representando; mas impulso, meramente, de curiosidade, ou espirito de observação, e talvez de critica. Não que nos cantos da boca lhe apparecesse o ligeiro refego labial, ou no rosto lhe assomassem aquelles signaes que denotam o riso intimo, e o sardonico, ou satânico; que seria isso sobre indiscreto, perigoso em semelhante occasião. Mas aquella fisionomia estava primorosamente ensombrada de uns toques de duvida; — da duvida fixa, severa, constante, inexoravel que caracteriza a Pyrrho no famoso quadro dos tres philosophos de Rubens, não era; era de outra menos pronunciada, e mais volteriana; mas não menos ex-

(*) Flores, Hespanha sagrada tom. 27 pag. 669, diz que o conde tinha um capellão d'este nome.

pressiva pelo contraste completo que fazia com as outras fisionomias, onde os caracteres de uma fé ardente sobresahiam profundamente estampados. Ora já se vê que uma tal fisionomia não podia ser de outrem senão daquelle bêteiro meio moiro, e meio christão, meio philosopho, e meio soldado, *bon vivant* se os havia, daquelle grande antagonista da tia Josefa, d'aquelle maganão chapado, daquelle Diogo, nosso conhecido do arraial de Burgos.

E com effeito o semblante do Diogo bêteiro, nos raros intervallos em que elle prestava alguma attenção á leitura devota e edificativa do clérigo, parecia estar dizendo contra aquellas abominações que a chronica attribuia aos arabes: «Vamos mais de vagarinho; não é isso tanto assim!.. Quem vai á guerra dá e leva, e foi, nem mais, nem menos, o que a nós nos aconteceu ao tempo da conquista: mas depois della, depostas as armas, ninguem nos inquietou... Cada qual póde ser christão sem perigo de se ver perseguido por isso... Os infieis não são lá tão máus como os pintam... E se o são, para que casam todos os dias os nossos com as moiras, e os moiros com as raparigas de Hespanha? ou quem diabo as obriga a ir para os serralhos, como vão de muito sua vontade?...» É que já então o nosso bêteiro formava, utopista do seu seculo, das invectivas de S. Eulogio e dos outros chronistas christãos o mesmo conceito que a moderna eschola historica (**); e no fundo da consciencia lhe clamava uma voz protestando a tolerancia dos conquistadores. Invejava a sorte dos mosarabes que viviam soffriavelmente á sombra da protecção musulmana, e que servindo nos exercitos do islam, alguns até conseguiam chegar a postos muito eminentes; e sentindo picar o peixe para os seus visinhos, agastava-se o pobre diabo de estar sempre em sequeiro. Rosnava elle lá comsigo que em quanto os moiros exigiam, e duramente, os impostos dos indigenas; os pastores christãos, exactores não menos duros, tosquiavam muito rente as suas pobres ovelhas, levando-lhes couro e cabello; e então dizia: vá o diabo á escolha, leve quaes quizer. Este rifão, ou cousa parecida, sahindo-lhe ás vezes pela boca fóra, era o maior esforço da sua *imparcialidade*; porque a sua *parcialidade* visivelmente o inclinava mais para os infieis; ou antes para as *infieis* — epicurista damnado! De mais a mais tinha um d'esses estomagos que trabalham em diamante: era um estomago de desengano; uma digestão, cousa primorosa! Comtudo faltava-lhe as mais das vezes que digerir; ou por outra: sobejavam-lhe os dentes, e escaceavam-lhe as nozes. Mas se por todas estas causas, que eram muito ponderosas, as tentações de se fazer moiro, como já dissemos, ou pelo menos de ir residir entre os mosarabes, o assaltavam amiude, e a leitura a que assistia, por instantes lhe despertava essas ideas diabolicas; passavam-lhe ellas com a mesma facilidade, porque o seu pensamento estava fito na batalha proxima; e o nosso bêteiro dava balanço lá no seu bestunto aos prós e contras daquelle jôgo arriscado. Não era que elle fosse covarde: não senhores: denodado como os que o eram durante o perigo, e no calor da acção; antes della, e a sangue frio, fazia quantos calculos póde fazer um poltrão, disposto a dar ás trancas ao mais pequeno alarma.

E elle calculava, e o sacerdote lia, e os fieis escutavam, quando uma setta veio rechinando do cam-

(**) Este bêteiro era um prodigio! já nos deu noticia do mosteiro de las Huelgas, que por signal foi fundado em 1137!

po arabe embeber-se na capa do livro, que o veneravel sacerdote tinha nas mãos. O assombro foi geral, e até o nosso Diogo se perturbou no meio das suas cogitações. Mas o clérigo, que já tinha sido guerreiro, recobrou immediatamente o animo; e tomando o successo como prenuncio do combate deu a leitura por acabada, e deitou a benção aos soldados.

O combate.

Era com effeito signal de combate. Tomadas de parte a parte as disposições convenientes, as trombetas e tambores do exercito contrario tocaram o toque de *accommetter* com formidavel estampido, e a linha immensa da cavallaria arabe se abalou, em meia lua, ao alarido de — Allah! que bradado ao mesmo tempo por vinte mil bocas, resoou pela planicie e os arredores como um trovão espantoso. A cavallaria christã, cerradas as fileiras, e as couraças luzentes chegadas umas ás outras como escamas de serpente, recebeu sem descompor-se o violento embate d'esta massa enorme. Outras columnas e outras cargas do inimigo se seguiram á primeira: e ainda que a armatoste ou tropa de pé algum damno recebia, a cavallaria christã, tenaz qual muro de bronze, e firme como um rochedo, via, immovel e impenetravel, cahirem, e despedaçarem-se-lhe aos pés os esforços successivos dos esquadrões da mourisma. Então quando as fileiras inimigas se achavam já muito desordenadas de tantos ataques, e era grande a confusão e derramamento daquellas multidões sem disciplina, de repente se abalou o campo christão, e o conde á frente da sua cavallaria pesada, coberta de fortes armaduras de ferro brunido, se precipitou sobre a ala direita dos arabes. A ala rompeu-se, e o sangue infiel tingiu as armas dos guerreiros de Castella, e regou abundantemente as campinas de Osma. O conde passou, terrivel como a colera de Deus, por entre as fileiras agarenas, derrubando com a sua facha de armas quanto encontrava diante de si. Os ligeiros cavallos numidas, incapazes de sustentar o impetuoso choque, e de resistir frente a frente ao vigor e armadura dos hespanhoes, dispersavam-se fugindo por toda a extensão do campo; e o grito de victoria corria já de uma á outra extremidade da linha christã. Estava a batalha perdida contra os infieis, quando de improviso se ouviu um grande estrondo, e apoz elle o brado de — *Allallah! allallah! Algiannah! algiannah!* — o combate! o combate! o paraíso! o paraíso! — Era al Mudhaffar que com um brilhante corpo de cavallaria cordoveza que estava de reserva, vinha disputar a victoria,

A sanha do leão, a quem a preza escapa das garras, não é maior do que foi o furor do nobre cavalleiro de Castella ao ver que lhe queriam arrancar das mãos a sorte daquelle dia: e renovou-se o combate, mais ardidado e sanguinolento do que até alli tinha sido. Era um repto de morte em que estavam empenhados. O conde corria bradando por al Mudhaffar, e al Mudhaffar, lembrado da revelação do amigo e do presagio do astrologo, queria esquivar-se a um encontro que reputava funesto. Mas não póde. Encontraram-se; e as lanças dos dois campeões voaram em pedaços; e os olhos de ambos fisearam sedentos de sangue; e os golpes de suas espadas retiniram; e tamanha era a valentia e destreza dos dois generaes que os exercitos cessaram de combater para contemplar espectaculo assim grandioso e

admiravel; como que delegando, por convenção tacita, naquelles dois homens o direito de resolver o problema da batalha. Nem tardou a resolvê-lo a favor das armas christãs o guerreiro castelhano, que de um só fendente da sua espada abriu o elmo e o cráneo a al Mudhaffar.

Tão desapoderado e terrível foi o golpe, que nem se ouviu soltar o arranco da agonia extrema áquella vida que se exhalava. Oscillou somente o corpo, e depois cahiu por terra. No mesmo ponto o conde levantou ao ar a espada triunfante; um grito semelhante ao estrondo subterraneo proclamou de novo a victoria; as lanças abaixaram-se; e o exercito victorioso arrancou segunda vez contra o inimigo. Mas o inimigo assombrado da morte do seu general dava costas, fugindo em debandada, e os albornozes moiriscos fluctuavam tristemente sobre os hombros dos vencidos, Estes foram alcançados, e a hoste castelhana fez nelles quasi que sem resistencia uma horrível carniceria, e grande numero de prisioneiros. O despojo foi immenso em ouro, prata, e preciosidades, e armas de toda a casta; admirando-se entre as prezas mais notaveis um cavallo arabe da mais formosa estampa até então vista, e um falcão nebrí pertencente a al Mudhaffar. E o campo se juncou de settas, hastes, lanças, e clavas em tanta copia, que por alguns dias não usou de outra lenha no rancho e nas fogueiras o exercito do conde.

O xadrez.

Era, por vida minha, um portentoso enxadrista abd el Rahman 3.º! Não só jogava com o taboleiro e as peças diante de si; mas nas jornadas que fazia, especialmente em tempo de guerra, até jogava, ao modo dos arabes — de cór; e de uma ou de outra maneira era tão attento, tão previsto, tão destro nos lanços que sempre ganhava: não tinham partido com abd el Rahman os mais insignes jogadores. E o calipha não só tinha paixão decidida para o xadrez, senão que blasonava de primar a elle. Quando na córte ou em parte onde o calipha se achasse, acertava de apparecer algum Palamedes d'esses que a fama apregoava invenciveis, era ponto de capricho e até de honra para abd el Rahman provocá-lo a certame, e vencendo-o adquirir novo titulo á reputação de superioridade de que gosava entre os admiradores, e os mestres d'este jôgo. Não se desdenhava d'essa gloria um homem com tantos foros de celebridade; verdadeiramente era esta uma fraqueza, e cegueira tal que se denunciava em tudo quanto tinha relação com aquelle entretenimento. Os seus parceiros habituaes eram o empenho de mais valia para impetrar d'elle qualquer graça. A lisonja mais saborosa aos seus ouvidos era gabar-lhe a disposição dos ataques, o arteficio das combinações, a delicadeza, o inesperado, a felicidade dos lanços. Então descia abd el Rahman do throno do seu genio, e da altura de um orgulho legitimo ás pequenezas da vaidade: inculcando-se extremamente imparcial, espriava-se em elogios exaggerados á destreza dos seus contendores, chegava a particularisar certos lanços engenhosos, para declarar que o tinham posto em grande apuro, e que não fiava que n'outra occasião se sabiria d'elles como se sabira n'aquella. E postas assim modestamente as premissas, deixava aos ouvintes o cuidado de tirar-lhes a consequencia.

Entretinha-se uma tarde abd el Rahman ao seu jôgo mimoso. Mas desde o principio da partida, e

o movimento das primeiras peças tinham notado os mirones mais sagazes que o jôgo ia mal encaminhado para abd el Rahman; e com effeito observam-se no semblante do calipha indícios de uma forte preocupação de animo. A poucos passos diz o parceiro: «xaque ao rei» e alguns lanços depois: «xaque mate.» O calipha empallideceu: era a primeira partida de xadrez que perdia desde que começara a sua reputação de jogador invencivel. Os mirones olharam uns para os outros. E abd el Rahman sem proferir uma palavra levantou-se, e foi encerrar-se no seu quarto.

Das pessoas que presenciaram o revez de abd el Rahman, os enxadristas fazendo d'alli toque da habilidade do regio jogador, abateram muitos quilates no merecimento que até então lhe suppunham.

— Vistes vós [dizia Abul-Hassan ao ouvido do seu visinho] já xaquear com tanta destreza, e aproveitar tão bem um descuido para armar mate afogado?

— Se o calipha rocasse a tempo, escapava a este desar [respondeu o outro tambem em segredo].

— Ainda sem isso [lhe tornou Abul-Hassan]: se o miramolim tivesse a rainha mais proxima duas casas, entre o peão e o roque, resguardava o rei d'aquelle bote fatal.

— Eu não sei [replicou o primeiro] o que elle hoje tinha, que parece não sabia mexer os trebelhos.

— Sempre tive para mim [continuou Abul-Hassan, recatando a voz ainda mais] que as suas vantagens umas eram devidas ao acaso e ignorancia dos parceiros; e as mais á cortezanice d'elles.

— Sempre me pareceu o mesmo (respondeu o outro, abanando a cabeça).

Mas, os que não eram enxadristas, tomaram o caso como de ruim agoiro.

— Que juizo formaes vós [perguntava Muhammede em muito segredo ao ouvido de um visinho] do caso inopinado, que acaba de succeder?

— Que juizo fórmio? [respondeu o outro] Que o propheta nos manda algum desastre em castigo dos nossos peccados; porque perder pela primeira vez a partida um jogador tão completo, e até hoje tão feliz, é um temeroso annuncio.

— Ainda quero crer [continuou Muhammede] que o castigo não passe d'uma partida perdida, e do calipha que a perdeu; porque, no meu conceito, o Korão véda toda a especie de jôgo, não exceptuando o xadrez. E como a infracção do preceito ha-de ser punida, tenho que mais custosa ao calipha e mais severa pena do que um xamate não se lhe podia infligir.

— Erraes. [lhe replicou o outro] A maior parte dos alfakes hão que o xadrez é jôgo de habilidade, e não de acaso; e por essa circumstancia o não contam entre os prohibidos. — Estou que o xamate não foi castigo, mas signal que a ira do céu nos ameaça com algum, ainda que não posso saber de que natureza seja.

Toda a companhia cochichava. Só o que acabava de quebrar o encanto ao Palamedes musulmão, até alli invencivel, estava silencioso; porque nem havia quem se atrevesse a fallar com elle, nem elle tinha muita vontade de conversar; e differente em opinião de todos os outros, nem tomava o caso como precursor da ira celeste, nem como castigo infligido ao calipha; mas só receava por si mesmo, arrependido já de não ter entortado o jôgo, empregando em perder, a sciencia de que se tinha vali-

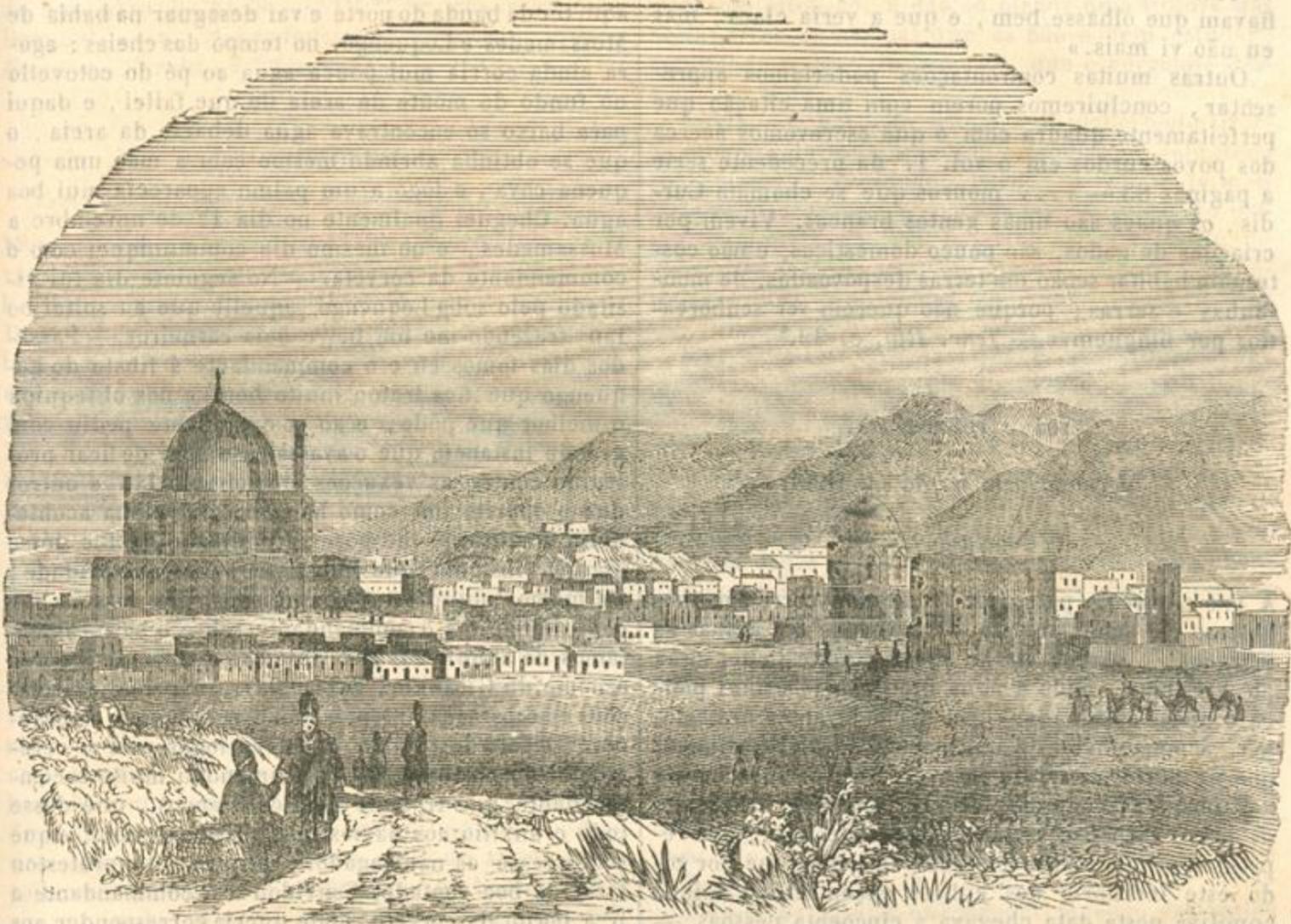
do para ganhar

Oito dias depois estava reunido o divan, e os membros d'esse respeitavel corpo enfiados, e com o ar inquieto conversavam em voz baixa. Entrou abd el Rahman ainda mais enfiado. Tinha chegado

um correio com noticias. Na mesma tarde em que o calipha levava xaque mate, o tremendo montante do conde de Castella descia sobre o elmo, e esmigalhava o craneo de al Mudhaffar; e a cavallaria arabe, rota e destroçada nas planicies de Osma, fugia perseguida pelas lanças dos christãos!!

(Continuar-se-ha).

A. d'O. Marreca.



SULTANYAH.

QUANTO mais confrontâmos as singelas narrações dos nossos viajantes antigos com as relações modernas, tanto mais nos certificâmos da veracidade e espirito observador dos primeiros; não perderemos portanto qualquer oportuna occasião de provar esta verdade. — Lendo-se os capitulos do Itinerario de Antonio Tenreiro, que dizem respeito á Persia e comparando-se com o que escreveram os que ha pouco visitaram aquelle imperio, acha-se a conformidade das noticias, assim na descripção topographica como a outros respeito, salvas as alterações produzidas pela revolução dos seculos. O capitão Keppel nos dá informações da cidade de Tabriz proxima á fronteira da Persia com a Russia, e que terá pouco mais de tres milhas de circumferencia fechada de muros com suas torres e sete portas; e acrescenta que foi antigamente uma das segundas cidades da Persia em grandeza e importancia, mas que ao presente acha-se mui decahida em opulencia e povoação. — O nosso Tenreiro trata da mesma cidade com especificação em o cap. 15.º e lhe chama grande e notavel: e note-se que ambos estes viajantes, portuguez e inglez, não obstante a differença das linguas, e o lapso de quasi tres seculos, escrevem «Tabriz.»

A nossa estampa representa Sultanyah, que fica

no caminho entre Teheran, côrte actual do monarcha persa, e a cidade de Tabriz: alguns lhe chamam Sultanieh, e o nosso Tenreiro escreve Sultunia [cap. 13.º] e allirma ser cercada de muros e com edificios muito bons, tanto que pareciam de gregos, segundo lhe disseram que fóra em remotas eras; e que nella se fazia muito negocio. — Keppel nos declara que esta cidade já foi consideravel e formosa; mas que ao presente só restam edificios arruinados, contando-se o soberbo palacio de um sultão, a quem a povoação deveu a sua cathogoria e importancia ha cousa de seis seculos.

Nas immedições destas cidades está a montanha, que na conformidade da tradição é a que a Sagrada Biblia denomina Ararat, onde a arca de Noé descansou quando se recolheram as aguas do Diluvio. Keppel assim tambem escreve, e ajunta que hoje em dia é notavel esta montanha por ser o ponto onde se encontram tres extensissimos imperios—o russo que se dilata até as geladas regiões do norte—o persa que vai bater quasi nas fronteiras da India—e o ottomano, que é confinante com os estados centraes da Europa: Ararat é o unico lugar em que todos tres concorrem. — O viajante descreve as quasi insuperaveis difficuldades de uma ascensão por aquelle monte, e o como o trepou em parte o backá

de Bayazid, sem comtudo ser possível galgar ao tope sempre toucado de gelos. — Vejamos agora o que diz o escriptor portuguez: cap. 21.º — Parti de Tabriz com o rosto ao poente &c. É terra muito fria em o inverno e de serras mui altas, que correm para a banda do norte, onde me disseram que estava a arca de Noé. E me amostraram a serra e a arca, que tudo estava coberto de neve; e eu não vi outra cousa salvo neve, ainda que comigo porfiavam que olhasse bem, e que a veria clara, mas eu não vi mais.»

Outras muitas confrontações poderíamos apresentar, concluiremos porem com uma citação que perfeitamente quadra com o que escrevemos ácerca dos povos curdos em o vol. 1.º da precedente serie a paginas 83 — «... mouros que se chamam Curdis, os quaes são umas gentes brancas. Vivem per criações de gados, são pouco domesticas, e não costumam habitar senão em terras despovoadas, de montanhas e serras; porque não querem ser senhoreados por ninguem.» — *Tenr. Itin. c. 22.º*

AFRICA PORTUGUEZA.

Jornada pelo sertão em 1839.

(Conclusão). (*)

A uns cincoenta passos do Quiácuto, corre um magestoso rio acompanhado de arvoredo em ambas as margens, e parece vir do sueste: delle tomei agua até a Faióna, onde a agua que leva já é mui pouca e quasi estagnada. — No dia 5 levantei deste logar, acompanhado de um macota do Mélequilungo, que de muito me serviu nos seis dias de marcha até a Faióna, fazendo-me fornecer em todo o transito de bois, carneiros e grande copia de leite, dos repetidos e numerosos rebanhos de gado, que por todo este territorio dos cubães encontrei: a minha comitiva nesta data chegava a cincoenta pessoas. — A 11 cheguei a Faiona: é uma povoação cercada de muito boa madeira, de páus mui grossos muito altos e direitos: encontrei os mesmos arimos [fazendas], a mesma linguagem, e abundancia de gado. O soba de Faióna é ao parecer, de 50 annos de idade, muito alegre e franco. — Do Quiácuto a Faióna é o caminho em geral bom, o terreno cuberto de madeiras e a vegetação mui vigorosa. — Tanto esta povoação como a do Quiácuto tem mui pouca gente, e pelo caminho encontrei seis libatas abandonadas, sendo o motivo, o andar esta população espalhada com os numerosos rebanhos, pelos logares deste vasto territorio onde o pasto é mais abundante, e não falta agua. — Esta gente dos Cubães é a mais simples que eu conheço n'estas partes: todo o seu alvo é tratar dos seus rebanhos, e nada sabem de roubos nem de guerras, como o outro gentio. Não tinham ainda por aqui visto um branco, e por isso a minha presença lhe causou grande admiração: com tudo tem boa opinião dos brancos, e os tratam com amizade. Não conhecem a vil pratica de se venderem uns aos outros, e quando apanham algum ladrão dos seus gados preferem o mata-lo ao resgate. Como os gados lhes fornecem com abundancia os meios de subsistencia, tratam pouco da agricultura ainda que o terreno seja mui fertil. Em Faióna tive a noticia de que a corveta [que elles chamam elefante do mar] estava fundeada n'um logar que depois

(*) Vide n.º precedente.

sube ser a bahia de Mossamedes. Partindo de Faióna, atravessei um terreno arido, sêcco, e sem vegetação, e não vi nem gente, nem gados, até ao dia 16 em que desci uma montanha de areia de grande altura. Ao chegar ao cimo desta descida se observa uma lista de basto arvoredo que na baixa junto ao monte faz cotovello, estendendo-se para o norte e para o oeste. Este arvoredo marca o alveo do rio de que me tinha separado ha tres dias, que vem aqui ter da banda do norte e vai desaguar na bahia de Mossamedes e Loquengo, no tempo das cheias: agora ainda corria mui pouca agua ao pé do cotovello no fundo do monte de areia de que fallei, e daqui para baixo só encontrava agua debaixo da areia, o que se obtinha abrindo mesmo com a mão uma pequena cova, e logo a um palmo apparecia mui boa agua. Cheguei finalmente no dia 17 de novembro a Mossamedes, e no mesmo dia communiquei com o commandante da corveta. — No seguinte dia fui visitado pelo soba Loquengo [aquelle que eu soltei no Iáu] trazendo-me um boi e dois carneiros. — Passados dias fomos eu e o commandante á libata do Loquengo que nos tratou muito bem e nos obsequiou o melhor que pôde, e ao commandante pediu com grande instancia que o avassalasse afim de ficar protegido contra as vexações do soba do Iáu e outros que o opprimiam, como ha pouco lhe tinha acontecido. Pediu que lhe pozesse um nome, e lhe desse alguma insignia que indicasse a sua auctoridade; estimámos muito estas boas disposições do soba, e consultando-me o commandante sobre o caso, assentámos de annuir aos seus desejos, e então se lhe deu o nome de Giráhulo, cuja palavra exprime as relações que os seus antepassados tiveram com os brancos. Depois deste acto que teve logar com o ceremonial do costume, lhe recommendou muito o commandante que tratasse bem os brancos, que desse todo o auxilio aos navios que alli aportassem, e que soccorresse os naufragados, o que tudo protestou fazer de boa vontade. Convidou-o o commandante a ir a bordo da corveta, onde queria corresponder aos seus obsequios, e dar-lhe o distinctivo da sua nova auctoridade. Passados alguns dias foi com effeito o soba a bordo, onde foi mui bem tratado, e alli repetiu todas as promessas anteriores. Na presença da guarnição em parada, lhe poz o commandante uma bella capa encarnada, toda ornada de botões dourados e labores, tudo feito a bordo, e lhe deu uma cadeira, com o que, e uma salva de oito tiros á despedida ficou o homem por extremo contente e satisfeito. Alem do soba Giráhulo de quem tenho fallado, e que tem a sua libata no Loquengo a cousa de 4 a 5 milhas, na costa do norte fóra da bahia, ha ainda outro mesmo na bahia, a que chamam Mussungo, que pela pouca importancia que parece ter, foi quasi neutro em todas estas transacções; ficou com tudo muito satisfeito da nossa estada, pois que alem do beneficio que della lhe resultou na boa porção de fazendas que lhe deixámos, tanto minhas como da corveta, não houve uma unica pessoa tanto de bordo como da minha comitiva que lhe desse o menor desgosto, ou praticasse o minimo excesso. — Por todos estes motivos ambos os sobas ficaram dispostos a entrar em qualquer transacção com os brancos, e ambos mostraram grande desejo de que alli se fosse assentar algum estabelecimento. Os terrenos que occupam estes dois sobas, são duas varzeas nas margens do rio que desagua na bahia de Mossamedes, deitando um braço para o Loquengo; em ambos os logares tem ter-

renos que parecem de grande fertilidade, onde tem alguns arimos em que as mulheres cultivam feijão, milho, aboboras e alguma mandioca, que são as plantas que exclusivamente se cultivam por todos estes sertões. Concluidas as minhas observações e as do commandante da corveta, partimos para Benguela, onde me acho prompto a receber as ordens de V. S. — Deus Guarde a V. S. — Benguela 13 de dezembro de 1839. — Ill.^{mo} Sr. governador da Benguela e suas dependencias. (Assignado) = João Francisco Garcia, 1.^o tenente.

NOVOS INVENTOS.

Vestido preservador dos bombeiros nos incendios.

MUITOS fogos se extinguiriam logo a principio, salvando-se os edificios, se conhecido o fóco da combustão podessem ahi mesmo atalhar-se de prompto. Descobrir a causa latente do incendio e applicar-lhe logo a agua será a primeira obrigação do trabalhador empregado para esse fim; mas é necessario habilitá-lo para que a possa cumprir. Isto conseguiu Mr. Braidwood, inspector dos incendios, com o vestuario e resguardos que inventou para a sua brigada de bombeiros.

O primeiro objecto era defender o homem contra o fumo; o que se alcança por meio d'um tubo anexo a uma bomba d'ar, prêso á bomba d'agua, da parte de fóra do edificio ateado. — 2.^o: Protegê-lo contra o calor ou as chammas; para isso leva uma vestidura e capello de couro consistente. — 3.^o: Provê-lo de luz e guardar-lhe a vista; vai portanto munido de uma boa lanterna de reverbero forte collocada no peito; e no capello que lhe envolve a cabeça ha convenientemente dois buracos guarnecidos de vidraça mui grossa. — Em ultimo lugar, para dar signal vai provido de um apito de agudo som, collocado no capello e na direcção da boca. — Assim equipado, o corajoso bombeiro tanto póde salvar a familia adormecida ou os importantissimos livros de Commercio e outros papeis valiosos, como abafar a trouxa e fardo fumegante ou a faisca que vai minando.

O jornal de que extrahimos o presente artigo (*The illustrated London news*, n.^o de 18 de novembro do anno passado) pondera que, acontecendo annualmente em Londres 700 fogos, termo medio, é incalculavel a utilidade da invenção de Mr. Braidwood, que fez repetidas experiencias pelas quaes a aperfeiçoou, e tem tido resultados felizes, entre outros a salvação de tres creanças que poucos dias havia se obtivera n'um incendio em Fetter-lane.

DA UTILIDADE DAS ESTAMPAS.

DE todos os bons effeitos que resultam do uso das estampas não referiremos mais de seis, e por elles facilmente se avaliarão os outros.

1.^o Divertir por meio da imitação, representando cousas visiveis.

2.^o Instruir mais prompta e efficaçmente do que a palavra. — «As cousas [diz Horacio] que entram pelo ouvidos tomam caminho mais curto e commovem menos do que as que entram pelos olhos, que são testemunhas mais seguras e fieis.

3.^o Abreviar o tempo que se empregaria em tornar a ler o que tivesse fugido da memoria; e avivar esta com uma simples vista d'olhos.

4.^o Representar os objectos ausentes como se estivessem perante nós, os quaes não poderiamos ver senão á custa de penosas viagens e gastos avultados.

5.^o Facilitar o meio de comparar muitas cousas juntas, em rasão do pouco logar que as estampas occupam, e do seu grande numero e variedade.

6.^o Exercitar o gosto em respeito ás obras que merecem attenção, e dar ao menos uma tintura das bellas-artes ás pessoas que as não podem estudar; facultando-se-lhes instrucção, que é vergonha desconhecer hoje.

Ainda que em todo o tempo e idade póde tirar-se proveito da inspecção das estampas, é sobretudo conveniente á mocidade, porque a faculdade mais forte na gente moça é a memoria, e é preciso empregar o mais que fór possível esta faculdade da alma para instruir a juventude e abastecer-la de noticias e idéas que hão de contribuir para formar o seu juizo.

Mas se o uso das estampas é util á mocidade, tambem dá grande prazer e entretenimento á velhice, idade approposada para o descanso e as reflexões; em que passada a distracção dos divertimentos da puericia podêmos desfrutar com mais sabor o gosto que as estampas causam, quer nos ensinem cousas novas, quer nos recordem as que já sabiamos; ou por afeiçoados ás artes julgemos das diversas obras que nos deixaram os pintores e gravadores; ou não possuindo este conhecimento nos lisongêe a esperança de adquiri-lo; ou emfim porque não busquemos naquelle prazer mais que o d'excitar agradavelmente a nossa attenção pela belleza dos objectos que as estampas nos offerecem. Nellas achâmos os paizes, as cidades, os trajos, os sitios notaveis, cujos nomes pelas historias sabemos, ou em nossas viagens conhecemos, se porventura viajâmos: de modo que sempre é viagem mui curiosa e descansada esta que póde qualquer fazer dentro do seu gabinete, habilitando-se para fallar ou entender, quando das materias respectivas se tratar na conversação.

Se neste ponto os antigos podessem haver as mesmas vantagens, que hoje estão ao nosso alcance, e por meio de estampas houvessem transmittido á posteridade o que possuíam de bello e curioso, conheceriamos claramente uma infinidade de cousas dignas de attenção, e das quaes os historiadores apenas nos deixaram idéas confusas: veriamos os soberbos monumentos de Memphis e Babylonia, e o templo de Jerusalem, que Salomão em sua magnificencia edificára: julgariamos os edificios de Athenas, de Corintho e de Roma antiga, com mais fundamento e maior certeza que pelos unicos fragmentos que nos restaram. — Pausanias, que faz uma descripção exacta da Grecia, e que nos conduz quasi pela mão a todas as partes desta região interessante, teria acompanhado o seu discurso de figuras demonstrativas, que provavelmente chegariam a nossos tempos como o seu livro, e desfructariamos o gosto de ver não sómente os templos e palacios daquelle Grecia famosa, conforme se achavam no estado de perfeição, mas alem disso herdariamos dos antigos a arte de bem os construir. — Vitruvio, cujas demonstrações se perderam, por falta da arte da estampagem, não nos deixára ignorantes e entregues a conjecturas, no tocante aos instrumentos e machinas que descreve, e não achariamos em seu escripto tantas passagens escuras, pois que nas artes as estampas são a claridade do discurso, e o melhor meio por que o auctor se faz perceptivel a quem

dontrina. — Por falta de igual meio se perderam também as machinas de Arquimedes e de Hierão, talvez o conhecimento de muitas plantas de Dioscorides, e de outras obras da natureza ou industriaes, que haviam descoberto as vigílias, as meditações, os exames dos antigos. — Porem sem nos determos a lamentar perdas, aproveitemos o que possuímos e o movimento espantoso que as artes icasticas tem recebido em nossos dias. Talvez, e é de crer, que os nossos successores nos levem decidida vantagem, segundo o progresso de que vamos sendo testemunhas: porem crêa-se que as obras picturescas, que actualmente se publicam serão para elles de grande auxilio, na mesma proporção em que nós sentimos a falta a respeito dos seculos precedentes; assim também os auxiliarão os descobrimentos nas artes, cuja descripção exacta lhes transmittirão o buril, a lithographia, em summa as gravuras e desenhos de todas as especies.

PODER ECCLESIASTICO NA RUSSIA.

NA PESSOA do czar não venera o povo russo somente o seu imperador, mas também o seu pontífice. — O soldado russo é por certo robusto, e como dizia Napoleão: — «se o matarem, será preciso empurrá-lo para cahir»: — mas o que redobra a sua força é o fanatismo. Crê no czar, quer dizer pai, porque nunca lhe dá outro nome; e a sua fé naquella cabeça espiritual e temporal é por tal forma absoluta que nunca lhe veio á ideia suppôr que na terra houvesse outro representante da divindade. — O czar vigario de Deus, e ao mesmo tempo senhor legitimo e proprietario do homem, servos submissos a Deus e ao senhor; eis o estado social como o vulgo da Russia o comprehende. Penetrado o espirito dos deveres para com estas duas auctoridades, repelle toda a noção de direito proprio e independencia. Quando Napoleão, n'uma proclamação, declarou aos servos russios que lhes daria alforria e que para o diante seriam livres, não acreditaram e diziam: — «Que boa liberdade nos dá! E quem lhe deu esse direito? É porventura senhor nosso para nos ferrar? Onde está o poder que lhe cederam nossos senhores? . . .» —

Quanto á auctoridade religiosa do soberano, posto que mui respeitada, forçoso é confessar que é de moderna data; e bastará somente retroceder na historia até o reinado de Pedro o grande, para lhe achar a origem. Esse monarcha para a estabelecer não careceu de grande sciencia theologica. Tem elle sido mui exclusivamente contemplado como legislador e reformador; porem, para adquirir-se noção exacta dos autocratas russios, convem considerá-los como cabeças do culto do Estado.

Havia dois annos que Pedro 1.º casára com a princeza Eudoxia, filha de um nobre de Nowogorod, quando se namorou de Anna Moens. O general Lefort, confidante do soberano, consultou secretamente os membros do clero [do scisma grego dominante no imperio] para saber se elles seriam favoraveis ao repudio e divorcio que o imperador premeditava. Como os parecêres da corporação encontrassem a resolução de Pedro, achou este que era mais expedito desembaraçar-se de consultas; e por uma decisão, das que usava sempre, declarou de moto proprio o repudio de sua esposa, que metteu n'uma clausura, obrigando-a a professar; depois offereceu a mão a Anna Moens, que a recusou, porque se

agradára do enviado prussiano: porem uma natural da Livonia, favorecida do principe de Mentzikoff, consolou o imperador desta rejeição e tomou parte no throno. Tal foi a exaltação de Catharina, preparada assim por um acto que estabeleceria a superioridade do czar sobre o clero dos seus dominios.

Dado este passo, Pedro não retrocedeu: supprimiu em 1716 a dignidade de patriarcha de Moscovia, pelo fallecimento do ultimo titular; declarou-se cabeça e protector da communhão grega em todo o imperio, e encarregou simplesmente da administração dos negocios ecclesiasticos o metropolitano de Rézan. — Ainda mais: no dia primeiro do anno seguinte, dia mui solemne na Russia, passou á igreja principal, e officiou de pontifical, unindo assim á corôa os privilegios do summo sacerdocio.

Desde o reinado de Pedro, a organização do clero rege-se pela ordenança de fevereiro de 1720, que estabeleceu um synodo para administrar os negocios ecclesiasticos sob a direcção suprema do imperador, ao qual o proprio synodo presta juramento.

Sendo assim todos os poderes absorvidos por um só homem e concentrados na sua pessoa, legou-os elle todos reunidos a seus successores. O acaso [se o ha na direcção das cousas humanas] em vez de trazer ao throno russo algum principe de pensamentos vigorosos, que podesse oppôr o seu genio ao de Pedro o grande, assentou alli duas mulheres que continuaram a mesma obra, sem combata-la nem modifica-la. As instituições de Pedro perpetuaram-se como se elle continuasse a reinar: Catharina nada mais fez do que acrescentar novas leis de administração interna ás leis promulgadas por aquelle em materias de politica e governança; de maneira que Paulo, Alexandre, e o reinante herdaram naturalmente, sem esforços da sua parte e sem resistencia da parte do povo, essa duplicada auctoridade, politica e religiosa, cuja origem, posto que moderna, já na preocupação do vulgo tomou o lugar de tradições mui antigas.

Anecdota da antiga policia veneziana. — Um francez d'alta jerarchia, sendo roubado em Veneza, desafogou em invectivas contra a policia da terra, que só curava de espiar os estrangeiros e não de proteger-lhes a segurança de pessoa e fazenda. Passados dias partiu da cidade, porem a meio caminho do porto a gondola em que ia parou de remar, perguntou a causa e responderam-lhe os barqueiros que não podiam proseguir sem atracar um escaler de flamula encarnada, que fizera signal e se dirigia á gondola: chegou effectivamente e de dentro bradaram ao francez que saltasse para o escaler. Recordou-se então elle das cousas medonhas que ouvira da policia secreta de Veneza, e ao mesmo tempo das palavras indiscretas que apaixonado proferira: julgou-se perdido, mas obedeceu. Um homem mascarado fez-lhe então o seguinte interrogatorio. — «Não sois o principe de . . .?» — Sou o proprio. — «Roubaram-vos a semana passada? . . .» — É verdade. — «E quanto? . . .» — Quinhentos pezos. — «Em que os trazieis? . . .» — N'uma bolsa verde. — Então o mascarado afastou um pano que cobria um cadaver que tinha na mão uma bolsa verde; e continuou com voz carregada. — «Fez-se justiça, senhor; aqui está o vosso dinheiro. Podeis partir; mas lembre-vos sempre que não será prudente tornar a pizar o territorio veneziano, uma vez que se disse mal do proceder e administração do seu governo.»